

Descrição darwiniana elucidada: mecanismos psicológicos e comportamento artístico

Resumo

A descrição darwiniana da psicologia humana elucidada os mecanismos psicológicos subjacentes a traços da personalidade artística e possibilita acomodar os universais com as diferenças individuais de personalidade.

Palavras-chave: Descrição Darwiniana; Natureza Humana; Personalidade Artística; Mecanismos Psicológicos.

Darwinian account elucidates: psychological mechanisms and artistic behavior

Abstract

The Darwinian account of human psychology elucidates the psychological mechanisms underlying personality artistic traits and enables accommodate the universals to individual differences of personality.

Keywords: Darwinian account; Human nature; Artistic personality; Psychological mechanisms.

Marcos Bragato

Docente na Licenciatura em Dança e no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas do Departamento de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutorado (2002) e mestrado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1996). É membro da diretoria da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança (ANDA) 2011/2012.
E-mail: mabragato@hotmail.com

Introdução

A tábula da natureza humana nunca foi rasa e agora é lida.

William D. Hamilton (1997, tradução nossa)

O entendimento da **evolução** e de suas consequências, como uma explicação geral da vida e do que é contemplado nela, têm se espalhado por diversos domínios do conhecimento. Mas ainda é particularmente difícil para as pessoas compreenderem a ação da seleção evolucionária no florescimento e nos processos que agem na cultura humana, como uma de suas características fundamentais na capacidade de aprendizado, armazenagem e transmissão das informações necessárias à reprodução e das consequências na modelagem da psique humana. E dos mecanismos subjacentes aos traços que moldam o jeito que somos.

Como a **evolução darwiniana** opera com uma explicação suficientemente simples,¹ as pessoas duvidam que ela possa estar relacionada com a cultura humana independentemente do tempo de avaliação para que ela funcione. (ALEXANDER, 2004) Os partidários da cultura como uma entidade autônoma atacam o entendimento darwiniano, advogam a cultura como o determinante primário da natureza e comportamento humano e defendem que somos moldados pela criação. “Então, nosso comportamento reflete as normas culturais em torno de nós. É o famoso ditado: fatos sociais podem somente ser explicados por fatos sociais”. (CARTWRIGHT, 2008, p. 328, tradução nossa) Assim, o modelo culturalista não considera o pensamento darwiniano ao não compreender a potência do pensamento evolucionista, encerra-se em circularidade e não possibilita avanços nas discussões da natureza do funcionamento do comportamento e da mente humana.

Quando explanações materialistas da ciência não incluíam a entidade humana² não ocorriam controvérsias de fundo. No entanto, desde a publicação de *Sobre a origem das espécies através da seleção natural* (1859), de Charles Darwin, cientistas e não-cientistas passam a combater as explicações materialistas relacionadas aos humanos, especialmente à constituição da psique e comportamento. (STEARNS; HOEKSTRA, 2003)

Na descrição darwiniana, a experiência atua sobre um substrato biológico (o cérebro ou corpo) e o modo reativo do cérebro é fundamentalmente um produto do equipamento biológico mais que o esquema sociológico. “O ponto crucial é que os efeitos da experiência são respostas facultativas”. (CARTWRIGHT, 2008, p. 329, tradução nossa) Ajuda ter a

1 O algoritmo da seleção natural é aplicável a uma grande quantidade de fenômenos de natureza diversa.

2 O entendimento de que a mente evoluiu como qualquer órgão de nosso organismo.

compleição física de Tarzan se você tem interesses indiferentes à escolha de um parceiro e atividades sexuais de eremita?

A descrição darwiniana declara a existência de universais humanos sobre os quais se unifica a humanidade. Embora algumas culturas amplifiquem alguns deles e suprimem outros, o fato crucial é que eles representam adaptações filogenéticas e carregam significado adaptativo. As adaptações, por sua vez, são produtos das forças similares da Seleção Natural (SN) e da Seleção Sexual (SS) que moldaram, e ainda podem atuar, a morfologia, fisiologia e comportamento.

No primeiro caso, resulta da correlação de características com o sucesso reprodutivo em um período de vida. “Assim, as causas da SN são todas as razões pelas quais os organismos variam quanto a seu sucesso reprodutivo e suas relações com os caracteres”. (STEARNS; HOEKSTRA, 2003, p. 35) No segundo, força componente da primeira que se associa “com o sucesso no encontro de parceiros sexuais”. (STEARNS; HOEKSTRA, 2003, p. 35) No entanto, a SN somente se realiza sobre a variação hereditária genética, e aqui pode produzir adaptações. Como explicitam Stearns e Hoekstra (2003), ao se reproduzirem podem variar quanto ao sucesso reprodutivo. Caso possam ser herdadas pelos descendentes, poderão passar pela evolução adaptativa e, certamente, experimentarão as mudanças herdadas que podem melhorar a *performance* reprodutiva.

Os recentes avanços em biologia evolutiva aumentam seu direito em explicar importantes aspectos das questões humanas, como as diferenças individuais de personalidade. A aceitação da evolução como teoria para a psicologia tem motivado os psicólogos da personalidade a tratarem e conceituarem a personalidade dentro de um quadro evolutivo. Os filósofos da biologia (RUSE, 2009) ressaltam a positividade desses avanços, especialmente na área do comportamento social.

A perspectiva darwiniana da natureza humana pode nos ajudar a uma explanação mais abrangente da mente e do comportamento humano, e de uma das facetas como é o comportamento artístico, e de seus mecanismos psicológicos subjacentes tratados pela psicologia evolucionista. Especialmente no tocante ao chamado Princípio da Savana (KANAZAWA, 2004),³ que nos ajuda a explicar porque falham as explicações sobre traços de um ou outro, aparentemente chamados apenas de artísticos, como os do otimismo ou pessimismo. O que se quer mostrar é com o entendimento de um truísmo ou de um lugar-comum – a natureza humana somos nós – amplamente escamoteado pelos defensores da *tabula rasa*⁴ –

3 O cérebro/corpo humano evoluíram provavelmente ao longo dos 2,5 milhões de anos, durante o Pleistoceno na savana africana onde a linhagem homo viveu a maior parte do período como caçadores-coletores em grupo de 50 indivíduos. O cenário é chamado de ambiente de adaptabilidade evolutiva (EEE).

4 O conceito da *tabula rasa* entende a mente como um receptáculo vazio a ser preenchido pela criação, estranhamente à mercê de uma presumida volubilidade do mundo social e cultural.

temos a possibilidade de acomodar os universais com as particularidades das diferenças individuais de personalidade.

Psicologia evolucionista e diferenças individuais de personalidade

Recentemente, uma área da psicologia evolucionista se volta às análises do comportamento e da psicologia humana das diferenças individuais da personalidade por meio das contribuições da moderna teoria da evolução.

A psicologia evolucionista é uma área híbrida do conhecimento que catalisa achados da moderna teoria evolutiva, como os estudos de genética comportamental, antropologia, psicologia cognitiva, biologia *stricto sensu*, economia e paleoarqueologia. Ela se debruça sobre uma base de proposições fundamentais, como a de que o comportamento manifesto é dependente de mecanismos psicológicos subjacentes ou módulos mentais funcionais especializados no processamento de informações alojadas no cérebro, conjuntamente com *inputs* internos e externos desencadeadores de sua ativação. Tais mecanismos psicológicos evoluídos são funcionalmente especializados para resolver problemas adaptativos que os seres humanos recorreram ao longo do tempo evolutivo profundo ou Pleistoceno. O entendimento está ancorado no chamado Princípio da Savana.

Cada um deles é sensível a determinadas formas de *inputs* contextuais, que são combinados, coordenados e integrados, uns com os outros, para produzir o comportamento manifesto. (BUSS, 2008) São os módulos mentais especializados, que Robert Wright (2006) chama de botões da natureza humana. Nesse aspecto, a evolução por Seleção Natural, e Seleção Sexual, é a força primária responsável pela criação e desenvolvimento desses mecanismos, que são funcionalmente complexos. E “desenhados” a serem adaptativamente influenciados por classes específicas de informação do ambiente.

A pesquisa conduzida pela área leva os pesquisadores a perguntas como: por que as pessoas de todas as culturas se preocupam com o *status* social, com as “fofocas” e se sentem culpadas, e em circunstâncias geralmente previsíveis? (WRIGHT, 2006, p. xix) e por que, em todas as culturas, homens e mulheres aparentemente diferem em alguns pontos básicos?

As pesquisas conduzidas pela confluência da psicologia evolucionista com as questões das diferenças individuais da personalidade incluem os temas da primeira como estratégias de acasalamento, atratividade, sexualidade, linguagem, fala, lateralidade, homicídio, perseguição, conflito en-

tre os sexos, status e prestígio, emoções sociais (ciúme, inveja, amor, entre outras); e o entendimento da segunda, com o foco em tais universais do comportamento humano, com a tentativa de explicar a variabilidade individual em termos de estratégias alternativas adaptativas. Como propõem os autores, qualquer adaptação psicológica é a base causal subjacente a sentimentos, emoção, criatividade, aprendizagem e comportamento que, por sua vez, são o produto do processamento da informação ambiental de uma determinada adaptação psicológica. (THORNHILL, 2003)

A psicologia evolucionista é proeminente no estudo dos mecanismos psicológicos subjacentes às múltiplas motivações para o intercuro sexual, nas diferenças de estratégias universais entre os sexos na escolha de parceiros, no investimento da paternidade, no parentesco, e nas questões relativas à cooperação e agressão. São avanços teóricos e empíricos, afirma David Buss (2009), que têm alcançado discussões de níveis básicos como as adaptações diferenciadas entre os sexos, sem preocupação em integrar as análises evolutivas aos estudos das diferenças individuais de personalidade.

No quadro evolutivo, as diferenças individuais de personalidade são, primeiramente, conceituadas como uma estratégia alternativa para a solução de recorrentes problemas adaptativos. (BUSS, 2009) São ubíquos em todos os agrupamentos humanos problemas adaptativos envolvidos, por exemplo, em negociação de hierarquias de status, formação de alianças sociais, extração de recursos de outros e solução de conflitos com parentes. (BUSS, 2009) Portanto, a chave da discussão é: “Algumas diferenças individuais podem refletir diferenças nas estratégias individuais utilizadas para resolver esses problemas adaptativos”. (BUSS, 2009, p. 364, tradução nossa)

Desse modo, as diferenças individuais estáveis estarão refletidas no modo de negociação das estratégias adaptativas inscritas nas medidas de personalidade e comportamento interpessoal ou no modelo dos cinco fatores (*Big Five*) das características da personalidade: extroversão e socialização (ou ambas como sociabilidade ativa), conscienciosidade (responsabilidade e motivação de desempenho), neuroticismo (estabilidade emocional), cordialidade (confiança e conformidade) e compreensão (abertura intelectual à experiência/flexibilidade).

O modelo dos cinco fatores tem causado impacto nas pesquisas e nas práticas de análise psicológica com controvérsias, entre o apoio enfático e a crítica por suas restrições. Diversos autores têm ampliado ou generalizado as correlações das dimensões ou facetas de cada um dos cinco

fatores. Na teoria de David Buss (1996), uma das primeiras a acomodar os mecanismos psicológicos universais com as diferenças individuais de personalidade do modelo dos cinco fatores, atuam dois tipos gerais de problemas adaptativos: inferência estratégica e facilitação estratégica. No primeiro, estão envolvidas as soluções dos problemas relativos aos conflitos de interesse e no segundo, as soluções envolvidas nos problemas adaptativos relativos à busca de aliados.

Segundo Buss (1996), uma orientadora hipótese evolutiva se encontra no entendimento de que as dimensões captadas pelo modelo dos cinco fatores “identificam em largas pinceladas alguns dos mais importantes custos e benefícios relacionados com aqueles que formam a nossa paisagem social adaptativa” (BUSS, 1996, p. 188, tradução nossa); ou talvez possa se afirmar que a assertiva de Buss diz respeito à identificação das diferenças individuais nos outros para se avaliar os custos e benefícios de se procurar estratégias particulares em um complexo ambiente social.

A Seleção Natural propicia mecanismos funcionalmente especializados em atuação conjunta em muitas das combinações e permutações. Isso contraria a noção senso comum de mecanismos inatos como causadores de comportamentos inflexíveis. (BUSS, 2008)

Comportamento artístico em dança

A identificação, embebida nos mecanismos psicológicos subjacentes ao comportamento, pode-se dar em base não-consciente. Como uma das facetas do comportamento espécies-típico,⁵ o comportamento artístico se realizaria sob a mesma confluência identificatória das dimensões básicas das diferenças individuais de personalidade com as estratégias de escolha de domínio específico.

As características presentes no comportamento artístico podem não ser as mesmas encontradas no produto comportamental da mente de quem os produz. Quando, por exemplo, determinado produto artístico apresenta traços neuroticistas, em crescente tendência conflituosa com propalados traços de sociabilidade do autor. Outras podem produzir uma fórmula diferente dos fatores estáveis que operam como o temperamento do autor e não se expressam conflituosamente. No entanto, as estratégias, subjacentes a mecanismos psicológicos universais, continuam a conduzir às diferenças individuais no arco das dimensões dos *Big Five*.

Os numerosos estudos têm apontado que as características tendem a se estabilizar ao longo da vida de um indivíduo, especialmente para ex-

5 Comportamentos e traços-espécies típico são os que podem ser observados na maior parte dos membros de uma espécie. Eles são fundamentais à sobrevivência e sucesso reprodutivo de uma determinada espécie e são disparados habitualmente por particulares estímulos externos a um determinado organismo. Em nosso caso, o do *Homo sapiens sapiens*, por exemplo, emoções e sentimentos são traços-espécies típico expressos em comportamentos fácio-corporais.

troversão e compreensão. Como o propósito evolutivo das diferenças individuais de personalidade é a solução de problemas adaptativos disparados pelo ambiente, o comportamento artístico é produto dessas soluções que embrem a sintaxe gerativa na dança. Essa que é uma realidade subjuntiva é apenas uma das subfacetas das diferenças individuais de personalidade. Ela pode conter os tipos gerais de problemas adaptativos – inferência estratégica e facilitação estratégica – face ao ambiente que pode, no primeiro caso, conformar ou alterar a sintaxe de uma determinada dança e no segundo, conferir o quanto dela poderá prosseguir no meio.

Simular mundos alternativos quaisquer quando dançamos não elimina a atuação dos mecanismos psicológicos universais subjacentes a quaisquer das decisões no território das escolhas artísticas quando confrontados com as dimensões (*Big Five*) das diferenças individuais. Eles são os que nos possibilitam navegar no ambiente social para identificar correlações de custos e benefícios, e contínua barganha das estratégicas diferenças individuais aos diferentes problemas definidos nos ambientes.

A realidade subjuntiva não se encontra em “outro” mundo. Ela é uma faceta da natureza humana. Como tal, uma *grua*, na definição do filósofo Daniel C. Dennett (1998). O filósofo estadunidense se utiliza da metáfora da *grua* para explicar como o mecanismo da seleção natural é ampliado com a ajuda de guindastes/fenômenos que permitem acelerar o processo evolutivo de forma mais rápida e eficiente. Como o sexo, que não surge como uma *grua*, e a linguagem, são exemplos de *gruas*.

Observar, portanto, o comportamento artístico e seus produtos na forma de realidades subjuntivas requer o entendimento de quais forças operam e porque operam para se diferenciar na paisagem social. Talvez a dança modernista histórica pareça ter simulado sua realidade subjuntiva para integrá-la num quadro conceitual de reconhecimento e detecção de problemas adaptativos dos *Big Five* e os chamados pós-modernistas⁶ tenham desejado desintegrá-la. Neste caso, a licença é justamente para demarcar as diferenças individuais como estratégia para uma nova acomodação gramatical e sintática porque parece não haver escapatória da reivindicação dos psicólogos evolucionistas que acomodam as diferenças individuais de personalidade como decisões utilizadas para resolver problemas quando se navega no ambiente social.

As polêmicas questões em torno de autoria, por exemplo, podem ganhar novas ferramentas conceituais para não se ater na propagada dicotomia dos extremos do arco assinatura versus anonimato, e como tal se tem difundido o “fim da autoria”. Autoria diz respeito ao comportamento e

6 Os membros originais do movimento da Judson Church propunham, entre tantas outras instruções, a eliminação da “atmosfera cênica” e psicológica.

diferenças individuais de personalidade que embebem o comportamento artístico e seus fenótipos na forma de danças, e expressam a confluência de estratégias da paisagem do ambiente que se avizinha.

Considerações finais

A resistência das pessoas ao materialismo se dá quando ele incorpora o quadro conceitual da teoria evolutiva e suas hipóteses sobre a natureza humana. Ela não se justifica porque as ferramentas experimentais e suas consequências filosóficas ampliam nosso entendimento do porque somos o que somos e quais as forças nos levam a escolher alguém como amigo, alguém como namorado ou outro comportamento entre as facetas que conformam nossa natureza como a arte, os jogos e a religião.

A biologia evolutiva nos oferece boas razões para se acreditar na existência de universais sistemáticos espécies-específico, circunscritos aos modos nos quais os sexos se diferem, na variação quantitativa randômica entre os indivíduos e na pouca diferença entre os grupos étnicos. (PINKER, 2006) Os mecanismos psicológicos universais governam nosso comportamento e atua de modo recombinado a cada estratégia adaptativa necessária para uma profícua navegação no ambiente social. Por isso, aspectos centrais de nossa mente operam a partir dessa recombinação de hereditariedade (genética) e meio ambiente. Não se trata de interação, mas sim de adaptação.

A mente de um corpo que dança também está sujeita a essa recombinação, que induz as operações de escolha e conformam a linguagem nos modos que ele se posiciona na realidade subjuntiva. Os eventos operam, assim, do mesmo modo como operam na mente de um corpo que não dança, porque a natureza somos nós. Sem ela, não teríamos a possibilidade de realizar *close ups* e *travellings* como as gruas que carregamos nos permitem. A evolução nos dotou de numerosos mecanismos psicológicos e da especificidade necessária para coletar do ambiente as informações necessárias para a solução de problemas, e nos inscreverem diferenciados.

Referências

ALEXANDER, Richard D. Evolutionary selection and the nature of humanity. In: HOSLE, V.; ILLIES, C. (Ed.). *Darwinism and philosophy*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2005. p. 301-348.

- ALEXANDER, Richard D. Evolution of the human psyche. In: MELLARS, P.; STRINGER, C. (Ed.). *The human revolution: behavioural and biological perspectives on the origins of modern humans*. Princeton: Princeton University Press, 1989. p. 455-513.
- BUSS, David M. Adaptation and five major factors of personality. In: WIGGINS, J. S. (Ed.). *The five-factor model of personality theoretical perspectives*. New York: Guilford, 1996. p. 180-207.
- BUSS, David M. How can evolutionary psychology successfully explain personality and individual differences? *Perspectives on Psychological Science*, v. 4, n. 4, p. 359-366, 2009.
- BUSS, David M. *Evolutionary Psychology: the new science of the mind*. 3. ed. Boston: Pearson, 2008.
- CARTWRIGHT, John. *Evolution and Human Behavior: darwinian perspectives on human nature*. 2. ed. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2008.
- DENNETT, Daniel C. A Perigosa Idéia de Darwin: a evolução e os significados da vida. Tradução de Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- KANAZAWA, Satoshi. The Savanna Principle. *Manage. Decis. Econ.*, v. 25, p. 41-54 2004. Disponível em: <<http://personal.lse.ac.uk/Kanazawa/pdfs/MDE2004.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2013.
- MICHALSKI, Richard L.; SHACKELFORD, Todd K. Evolutionary personality psychology: Reconciling human nature and individual differences. *Personality and Individual Differences*, n. 48, p. 509-516. 2010.
- NETTLE, Daniel. An evolutionary approach to the extraversion continuum. *Evolution and Human Behavior*, v. 26, n. 4, p. 363-373, jul. 2005.
- NETTLE, Daniel. The evolution of personality variation in humans and other animals. *American Psychologist*, n. 61, p. 622-631, 2006.
- PINKER, Steven. Why nature & nurture won't go away. *INTERthesis, Revista Internacional Interdisciplinar*, Florianópolis, v. 3, n. 1, jan./jun. 2006.
- RUSE, Michael. Introduction. In: RUSE, Michael (Ed.). *Philosophy after Darwin: classic and contemporary readings*. Princeton: Princeton University Press, 2009.
- STEARNS, Stephen C.; HOEKSTRA, Rolf. *Evolução: uma Introdução*. São Paulo: Atheneu, 2003.
- TOOBY, John; COSMIDES, Leda. On the universality of human nature and the uniqueness of the individual: The role of genetics and adaptation. *Journal of Personality*, n. 58, p. 17-68, 1990.
- THORNHILL, Randy. Darwinian Aesthetics Informs Traditional Aesthetics. In: VOLAND, Eckart.; GRAMMER, Karl. *Evolutionary Aesthetics*. Belim: Springer-Verlag, 2003. p. 9-13.
- WRIGHT, Robert. *O animal moral: por que somos como somos: a nova ciência da psicologia evolucionista*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.